

**Once upon a time:
protagonismo coletivo transdimensional**

*Once upon a time:
transdimensional collective protagonism*

Marcelo Bolshaw GOMES¹

Resumo

O presente texto estuda a novela *Once Upon a Time*, série americana de drama-fantasia que aborda o gênero contos de fadas, exibida pela ABC desde 2011. A série apresenta elementos e personagens de contos de fadas ocidentais populares e outras histórias literárias, combinados com a realidade contemporânea dentro de uma nova narrativa. O trabalho tem por objetivo descrever os esquemas e modelos narrativos utilizados no seriado.

Palavras-chave: Teoria narrativa. Narrativas seriadas. seriados de TV.

Abstract

This paper studies the novel *Once Upon a Time*, American drama - fantasy series on the genre of fairy tales, aired by ABC since 2011. The series features elements and characters from popular Western fairy tales and other literary stories, combined with contemporary reality in a new narrative the work aims to describe the schemes and narrative models used on the show.

Keywords: Narrative theory. Narratives serially. TV series.

Introdução

O nome da cidade litorânea fictícia de Storybrooke, no estado do Maine, EUA, significa 'estória quebrada', um lugar onde o tempo parou e a vida sempre se repete da mesma forma. É que, devido a um poderoso encantamento, os moradores de Storybrooke, são personagens de vários contos de fadas que se esqueceram de quem eram vivendo em um eterno presente conexo ao nosso "mundo real".

¹ Doutor em Ciências Sociais e Professor do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da UFRN. E-mail: marcelobolshaw@ufrnet.br

Assim, os personagens de *Once Upon a Time*² são duplos. Os personagens dos seriado também são personagens mágicos que tiveram suas memórias verdadeiras roubadas devido a uma maldição, conjurada pelos vilões da telenovela: Rumpelstiltskin (sr. Gold, dono de uma loja de antiguidades no mundo real – interpretado por Robert Carlyle) e lançada pela Rainha Má (Regina Mills, a prefeita da cidade, interpretada pela atriz Lana Parrilla). E os dois são os únicos que não perderam a memória.

A única esperança de quebrar a maldição e restaurar as memórias dos personagens perdidos está em Emma Swan (personagem sem correspondente no mundo mágico, representada por Jennifer Morrison), filha da Branca de Neve (a professora Mary Margareth Blanchard, interpretada por Ginnifer Goodwin) e do Príncipe Encantado (David Nolan em Storybroke, interpretado por Josh Dallas), que foi transportada ainda bebê da Floresta Encantada para o mundo atual antes que a maldição fosse lançada. Na luta para quebrar a maldição, Emma é auxiliada por seu filho biológico Henry (personagem também sem correspondente mágico, interpretado por Jared S. Gilmore). Henry é também filho adotivo da prefeita Regina Mills (a Rainha Má), o que cria um conflito e interesse comum entre as duas mulheres. Duas mães (protagonista e antagonista da estória) disputando um filho – este é um dos principais enredos da narrativa.

Outro enredo importante é a estória de Rumpelstiltskin, de camponês que rouba uma adaga mágica e se transforma no ‘Sombrio’, o todo poderoso senhor das trevas. Rumpelstiltskin gosta de fazer acordos com os outros personagens. Porém, como ele sempre avisa aos contratantes “toda magia tem seu preço” e seus favores sempre tem efeitos colaterais sobre os favorecidos – o que dá margem a várias reviravoltas e a novos problemas. A maldição criada por ele e lançada por Regina, por exemplo, fez da

² *Once Upon a Time* foi criada pelos mesmos escritores de *Lost* e de *Tron: o Legado*, Edward Kitsis e Adam Horowitz. Uma série spin-off, intitulada *Once Upon a Time in Wonderland*, que contou com 13 episódios, estreou em 10 de outubro de 2013, e foi concluída em 3 de abril de 2014. Em 3 de março de 2016, a ABC renovou a série para uma sexta temporada. No Brasil, a série estreou em 2 de abril de 2012 pelo canal de TV paga Sony, que continua a exibir a série atualmente com episódios nas opções de áudio original com legendas e dublado. Em 3 de fevereiro de 2014, a série passou a ser exibida em TV aberta no Brasil pela Rede Record. As 4 primeiras temporadas da série estão disponíveis também no catálogo nacional de streaming da Netflix. Além do spin-off, *Once Upon a Time* também ganhou um livro *Once Upon a Time - tale o Despertar*, escrito por Odette Beane e duas histórias em quadrinhos, intitulada *Once Upon a Time: Shadow of the Queen* (2013), e *Once Upon a Time: Out of the Past* (2014) - ambas escritas por Dan Thomsen e Corinna Bechko, com arte de Nimit Malavia, Vasilis Lolos, Mike Del Mundo, Stephanie Hans e Mike Henderson.

rainha um instrumento de sua vingança contra os protagonistas que o tinham aprisionado, mas também os condena a viver monotonamente em dias sempre iguais.

Estrutura narrativa

Once Upon a Time é mais novela que seriado, isto é, seus episódios muitas vezes não formam uma estória completa. É a própria narrativa geral da série como um todo é um conceito aberto, em que personagens/atores (e público) são coautores da estória. Os criadores da série, Adam Horowitz e Edward Kitsis, afirmam que os “personagens em primeiro lugar” e que a série não pretende ser uma narrativa de mitologia. O que não deixa de ser uma falsa modéstia, uma vez que *Once Upon a Time* tem um roteiro bem mais articulado no arranjo das narrativas fantásticas do que sua concorrente, a série *Grimm*, também lançada em 2011 e atualmente também na 6ª temporada.

Os episódios geralmente são centrados em um personagem e possuem uma narrativa não linear, composta por dois enredos paralelos, que se explicam no transcorrer da estória: um mostrando o presente, os dias atuais dos habitantes de Storybrooke após a maldição; outro revelando o passado de algum personagem antes da maldição, servindo de peça-chave para a compreensão do espectador sobre suas atitudes nos dias atuais. Inicialmente o enredo principal é em Storybrooke, e há um enredo secundário em um reino chamado de Floresta Encantada, narrado de outro ponto a vida de um personagem antes da maldição ser lançada. Porém, no transcorrer da série, a dupla narrativa se complexifica e surgem outros universos mágicos (o mundo de Oz, a Terra do Nunca, o reino de Camelot, o País das Maravilhas), outras realidades (quando os personagens vão a Nova Iorque), além de ‘flashbacks’ dentro de um mesmo universo.

Ao longo da dupla narrativa, Storybrooke continua sofrendo mutações. Apesar de Emma ter quebrado a maldição, o que devolveu as memórias originais dos contos de fada aos personagens, eles não voltaram para a Floresta Encantada, ficando presos na cidade. Storybrooke foi dissociado no mundo real, passando a ser também um universo mágico. Na 3ª Temporada, para mudar seu passado, os personagens viajam no tempo através de um portal. Inverte-se assim, na dupla narrativa, a relação causal entre passado

e presente – como nas atuais narrativas de ficção científica. A ação principal passa se desenvolver no passado/outros mundos e não mais em Storybroke.

Os protagonistas principais também sofrem de dupla personalidade, a exemplo dos super-heróis. Enquanto Branca de Neve é uma heroína que usa arco e flecha, sempre lutando pelo que acredita; Mary Margareth é uma sofredora infeliz e incapaz de se impor. David Nolan é um homem covarde e indeciso; já o Príncipe Encantado é caracterizado pela coragem e determinação. A dupla personalidade perdura até o momento em que eles descobrem quem realmente são e conseguem quebrar a maldição. Os vilões, por sua vez, deixam de ser os personagens coerentes que se lembram de suas estórias, para lutar contra seu lado maligno. Suas estórias tornam-se narrativas de redenção.

Uma pessoa pode realmente mudar? Deixar de ser do mal e passar a ser uma boa pessoa? Este é um tema recorrente em toda narrativa e vários personagens vivem esse dilema de formas diferentes. Regina, em virtude do amor ao filho e a Robin Wood, tenta sinceramente ser uma pessoa melhor. Rumplestiltskin, por motivos semelhantes - o amor do filho Baelfire (Neal Cassidy no mundo real, representado por Michael Raymond-James) e da esposa Belle (Lacey French em Storybroke, interpretada por Emilie de Ravin) - apenas finge ser modificar, enganando a todos. Emma, mergulha no lado negro, mas consegue manter-se ao lado dos protagonistas.

O fato é que na, vida real, não existem heróis e vilões. As pessoas não são inteiramente boas ou más; e a série tenta desconstruir a dicotomia entre dos contos de fadas tradicionais através de personagens mais complexos, capazes de sentimentos ambíguos, comportamentos contraditórios e diferentes entre si. Aliás, a série é bastante recorrente em apresentar situações em que os protagonistas e antagonistas passam por uma mesma situação trágicas de formas diferentes. Regina e Zelena (a Bruxa Má do Oeste de Oz, representada por Rebecca Mader) odeiam a própria mãe Cora (a Rainha de Copas do País das Maravilhas, interpretada Barbara Hershey), mas tem reações diferentes para seus sentimentos. Branca de Neve e a Rainha Má mataram as mães uma da outra.

Peter Pan (um demônio que se recusa a amadurecer) utiliza-se do sentimento de abandono pelos pais de outros personagens para conseguir controlar a todos: o sentimento de Henry rejeitado por Emma, a revolta de Emma enviada por Branca de

Neve à realidade quando ainda era um bebê, o ódio de Baelfire abandonado por Rumpelstiltskin na Terra do Nunca ... E da vingança do próprio sombrio, filho de Pan, deixado para trás em troca da eterna juventude.

Durante toda narrativa, personagens opostos vivem dramas semelhantes, reagindo de modos diferentes. Há sempre um ‘karma’ a ser aceito, uma dívida a ser saldada, uma mágoa a ser perdoada. A narrativa é assim uma pedagogia emocional e não simplesmente a condenação do mal e a exaltação de bem – como nos contos de fada tradicionais. Protagonistas e antagonistas tornam-se frequentemente aliados táticos, representando assim uma realidade interpessoal mais próxima da experiência vivida, em que amamos e odiamos uns aos outros.

Uma novela assim, de mediação da ‘economia afetiva’, é feita de ‘saias justas’. Zelena engravida de Robin Wood por vingança de sua irmã Regina, para lhe negar um final feliz. Ou ainda: Henry descobre que é filho de Baelfire e neto de Rumpelstiltskin. Ele se sente dividido não apenas entre duas mães, mas também entre a família de Branca de Neve e a descendência com o hospedeiro do Sombrio. Nessas situações, por detrás do figurino impecável, dos efeitos especiais de última geração e da interpretação shakespeariana, visualiza-se uma estrutura narrativa de dramalhão mexicano com seus exageros e excessos.

Protagonismo e antagonismo coletivo

O protagonismo coletivo está em voga nas narrativas atuais. Faz pouco tempo, ele só existia nas histórias em quadrinhos em ligas de super-heróis. Porém, a partir de *Lost* e, agora, com *Game of Thrones*, o protagonismo coletivo está se tornando um lugar comum nos seriados de TV. É que a sociabilidade contemporânea está novamente destacando a vida comunitária e as narrativas atuais, em consonância com essa realidade, contam histórias de grupos com vários protagonistas (ou com vários tipos de protagonismo).

No caso de *Once Upon a Time*, o núcleo duro de protagonismo coletivo é uma família, formada pelo Príncipe, Branca de Neve, Emma e Henry. A série não tem cenas de sexo e violência, facilitando a identificação entre um público-alvo específico e os protagonistas, reproduzindo situações familiares dentro da narrativa de aventuras e ação.

Existe um evidente toque feminista na interpretação de *Once Upon a Time* dos contos de fadas. Há várias personagens femininas fortes, sejam protagonistas, antagonistas e coadjuvantes. A estória de amor principal, entre Branca de Neve e o Príncipe Encantado, subverte o fetiche do amor verdadeiro através da inversão dos papéis de gênero em vários momentos. Os envolvimento homo afetivos são discretos e apresentados de forma elegante. A luta de Emma Swann, a protagonista principal, por um final feliz para sua estória não é encontrar um homem para se casar, mas sim se realizar no trabalho de detetive profissional, no seu relacionamento afetivo com seu filho e, principalmente, como heroína, acabar com a maldade existente no mundo.

Há também um grande número de coadjuvantes permanente na trama, que apoiam os heróis mas também podem ser manipulados pelos vilões: os sete anões, Chapeuzinho Vermelho (em Storybroke, Ruby; interpretada por Meghan Ory), Capitão Gancho (par romântico de Emma, representado por Colin O'Donoghue), Robin Wood (par romântico de Regina, interpretado por Sean Maguire), Pinóquio (August Booth no 'mundo real', representado por Eion Bailey), o Grilo Falante (o psicólogo Archibald Hopper, feito por Raphael Sbarge), Mulan (Jamie Chung), Victor Frankenstein (Dr. Whale, médico de Storybroke, interpretado por David Anders), entre outros menos importantes. Em alguns episódios, os coadjuvantes também protagonizam a narrativa.

Porém, são os vilões que fazem a alegria da série, tanto em qualidade como em quantidade. Além da Rainha Má e de Rumplestiltskin, que são vilões permanentes, há uma longa lista de antagonistas. Na 2ª temporada, surgem o Capitão Gancho; Cora, a Rainha de Copas; e dois agentes secretos de nosso mundo com a tarefa de destruir a magia. Na 3ª temporada, Peter Pan e Zelena, a Bruxa Má do Oeste de Oz, são os vilões convidados. No quarto ano da série, a vilã Rainha da Neve (Elizabeth Mitchell), da estória de Frozen é introduzida no universo narrativo. Também Rumplestiltskin e suas novas aliadas - Cruella De Vil (Victoria Smurfit), Malévola (Kristin Bauer van Straten) e Úrsula (Merrin Dungey) - planejam reescrever os destinos dos heróis e vilões.

Todos os personagens – sejam protagonistas, antagonistas ou coadjuvantes – lutam por um 'happy end' – isto é várias vezes declarado. A diferença é que os vilões querem um final feliz apenas para si próprios e os heróis desejam que todos sejam

felizes. É para dar um final feliz a Regina e aos outros vilões que Emma decide absorver a magia negra de Rumplestiltskin e tornar-se a nova senhora das trevas.

Na 5ª Temporada, os personagens vão para Camelot tentando encontrar Merlin (Elliot Knight), para libertar Emma do poder das trevas. Mas, o Rei Artur (Liam Garrigan) está determinado a alterar o equilíbrio entre a luz e as trevas usando a lendária espada Excalibur. Quando a história e o destino colidem, os personagens são levados para o mundo dos mortos, no inferno das almas com negócios inacabados, e enfrentam um novo vilão: Hades (Greg Germann). E na 6ª temporada, Regina tem de lidar também com a Rainha Má, sua auto personificação que foi separada de si e que deseja vingança. E a dupla formada pelo Dr. Jekyll (Hank Harris) e o Sr. Hyde (Sam Witwer) - e seus amigos da Terra de Histórias Ainda Não Contadas - que lutam para derrubar a família de heróis.

O autor e o editor

Além de mundos e personagens mágicos, a série também é pródiga em objetos mágicos: joias encantadas, chapéus, varinhas de condão, espelhos mágicos. Os mais importantes são a Adaga das Trevas e o livro de contos de fada 'Once Upon a Time'.

A Adaga do Sombrio tem o nome de seu possuído inscrito magicamente em sua lâmina. Ela permite que seu portador domine o Senhor das Trevas. Dê ordens ao Sombrio. Uma vez possuído pela maldição da Adaga, a única saída que se conhecia era a morte através da própria Adaga, sendo que o assassino se tornaria o próximo hospedeiro do trevas. Mas Emma mudou essa tradição, adquirindo o poder das trevas sem matar Rumplestiltskin e se liberando deste poder sem ser morta. Antes disso, no entanto, o objeto passa por várias mãos e tem um papel importante em diversos pontos da narrativa.

E, o mais importante objeto mágico da narrativa: o livro de estórias de Henry. É através do livro que o menino descobre que os habitantes da cidade são personagens dos contos de fada. O livro serve de mapa dos acontecimentos passados, presentes e futuros. Em determinado ponto, no entanto, os personagens percebem que podem fazer seus próprios destinos e o livro começa a se alterar.

Na 4ª temporada, Regina, cansada de tentar se tornar uma boa pessoa e inconformada com seu destino infeliz de eterna vilã, tenta invocar o autor do livro *Once Upon a Time*. No mundo sem magia o escritor Isaac Heller (Patrick Fischler) escreve o livro 'Heróis & Vilões', com uma versão alternativa das histórias da Floresta Encantada, no qual os vilões sempre têm um final feliz fazendo um grande sucesso.

Henry vai ao mundo real e encontra o autor, pedindo que ele reescreva as histórias. Isaac não pode desfazer tudo, porque burlou as regras narrativas, interferindo nas histórias, e perdeu seu status como Autor tendo sido transformado em personagem pelo Editor (Timothy Webber).

O garoto, então, usando uma chave mágica, entra no livro e salva a todos que lá estão personagens presos sem se lembrar de suas vidas verdadeiras. Nesse universo alternativo, os antagonistas clássicos são os heróis e os protagonistas tradicionais das histórias são os vilões. Branca de Neve agora é a Rainha Má, enquanto Regina uma bandida da floresta. Emma está presa em uma torre, guardada por um dragão.

Durante suas aventuras dentro desse novo livro, Henry encontra a caneta mágica do Autor e assim que a toca percebe que ela começa a brilhar (indicando que Henry é o novo Autor). Ele usa o sangue de Emma como tinta e desfaz tudo o que Isaac escreveu, restaura a linha do tempo e todo mundo volta para Storybrooke.

De volta à 'realidade', o Editor oferece a Henry uma chance de se tornar o novo Autor, mas ele não aceita e quebra a caneta mágica. (S04E21/22).

Conclusão

No contexto narrativo atual, o narrador é um sub personagem e os personagens, sub narradores de suas histórias. *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf, talvez seja a pioneira em contar uma história através de seus personagens, dando a eles o poder do narrador. *As crônicas do gelo e do fogo*, de George R. R. Martin, também utiliza esse expediente, em que cada personagem narra na primeira pessoa uma parte da narrativa. Por isso, mesmo antes de inspirar a tele série *Game of Thrones*, os livros foram utilizados em um RPG (jogo de tabuleiro, em que cada jogador assume um personagem); vídeos games e histórias em quadrinhos.

A proposta do seriado *Once Upon a Time* é mais próxima da dos reality-shows, uma vez que o texto é escrito em função da performance dos personagens. O personagem do Capitão Gancho, em virtude do desempenho do ator, passou a ter um papel de destaque na narrativa. Mas, isso também não é uma novidade, em se tratando de TV.

E, o que há de novo, então? O protagonismo coletivo, sublimação narrativa do campo grupal, capaz de agregar vários enredos em uma única estória também é uma tendência de vários seriados de televisão e de franquias. O público deseja narrativas de representação comunitária, em que as situações do cotidiano se espelhem e sejam resolvidas simbolicamente. O protagonismo coletivo também agrega diferentes tipos de protagonismo, antes exclusivos de gêneros narrativos, em uma única estória: o co-protagonismo das narrativas que combinam aventura e romance (com Branca de Neve e o Príncipe Encantado), os vários aspectos do protagonismo feminino contemporâneo (através da personagem Emma), o protagonismo de redenção dos antagonistas (encarnado em Regina, mas presente também em outros personagens) e o protagonista do leitor/narrador (representado por Henry Mills).

A própria noção de protagonismo entra em jogo, uma vez que é parcialmente reversível em antagonismo: os heróis também são do mal, os vilões também podem ser bons. No entanto, a família é o núcleo duro da narrativa e garante a sobrevivência da ideia de protagonismo, em um mundo formado por antagonistas. Por outro lado, não seria correto falar em 'protagonismo familiar' pois trata-se de personagens com muita autonomia pessoal, como um grupo de amigos. Trata-se de uma família moderna, cheia de problemas e situações complicadas, da qual os antagonistas principais fazem parte.

Não se deve esperar por finais espetaculares ou encerramentos engenhosos do seriado. A televisão é um espelho do cotidiano e a proposta da série é justamente essa: por detrás dos contos de fadas e das realidades fantásticas, mostrar a economia afetiva da sociabilidade comunitária atual.

E, nesse sentido, *Once Upon a Time* é o resultado cumulativo de várias décadas de produção de narrativas seriadas e, sobretudo, um promissor laboratório de futuras narrativas transmídia.

Referências

BENJAMIM, Walter. v. I, **A obra de arte na época de sua reprodutividade técnica**. Obras Escolhidas (trad. S.P. Rouanet). São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. **Sobre alguns temas em Baudelaire**. Os Pensadores. São Paulo: Editora Abril, 1980.

_____. **Sobre o conceito de história**. Obras escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1985a.

_____. **O narrador**. Obras escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1985b.